



INDIA — LACKNAU.

A scena, que reproduzimos na gravura, copiada de um desenho da obra de mr. Van-Orlich (*Reise in Indien*) publicada em Berlim ha annos, passa-se nas cercanias de Lacknau, capital do reino de Aoude, em solitario valle.

Um sacerdote lê em alta voz e explica o koran aos piedosos musulmanos que o rodeam, debaixo de uma especie de pavilhão, levantado no centro de risonha paisagem. A religião de Mahomet conta na India grande numero de sectarios; talvez vinte milhões.

Os arredores da cidade de Lacknau são notaveis pelo grande numero de tumulos e jardins magnificos que os povoam. Um dos mais famosos é o do nababo Sadat-Ali-Khan, a este de Lacknau; é um edificio circular, decorado de columnas, no meio do qual se ergue um mausoleu de prata, em que jaz o nababo, entre sua filha e sua neta. Porticos e outras construcções menos importantes acham-se espalhadas pelo jardim, de longa data convertido em officina onde trabalham pobres cachemirenses, cujos antepassados se refugiaram n'aquelle sitio, no seculo XII.

O ministro e valido do rei que então governava, Hacky-Mendi, outhorgou-lhes numerosos privilegios, e o reino tirou optimo partido da sua industria. Entretanto os tecidos que fabricam são inferiores aos que provêm de Cachemira.

Cita-se entre os mais formosos monumentos de Lacknau o mausoleu de Gazuddin-Eider; perto d'el-

le está o Janwa-Chana, ou jardim zoologico real, abundantemente provido de variadas especies de animaes. Mr. Van-Orlich contou treze tigres, antilopes, muitos macacos, todas as variedades de aves indianas, coelhos, carneiros, e codornizes, que ali se criam para combater, como os gallos em Inglaterra. Aquelles animaesinhos pelejam com admiravel vigor, o que muito diverte o monarcha, que nos grandes banquetes, chegado o pospasto, manda buscar os pobres volateis, que combatem em cima da meza como os leões no circo. Encontra-se no mesmo jardim igualmente o *byjy* ou ichneumon da India. Este animal, que apanhado quando muito novo, se domestica facilmente, e toma tanta amizade aos donos como um cão, destroe toda a casta de reptis venenosos. Quando uma serpente o avista parece dominada por um poder occulto, enrosca-se e conserva-se immovel. O *byjy* contempla a victima com olhar penetrante; e ao menor movimento que ella effectua afferra-a pela cabeça, e mata-a.

A QUESTÃO DO ORIENTE.

III.

As reformas de Mahmoud II não constituam um systema completo de administração. Eram pelo contrario isoladas, e perçavam por falta de nexo e har-

monia, defeitos em grande parte filhos da necessidade de contemporisar com as repugnancias dos musulmanos para todo o genero de innovações, e em parte devidos tambem ás immensas difficuldades, que simultaneamente lhes oppunham na pratica essas mesmas repugnancias e as intrigas estrangeiras.

Todavia essas reformas, imperfeitas como eram, tinham produzido não poucos beneficios, extinguindo alguns abusos intoleraveis, adoçando muito as praticas do governo despotico em relação aos direitos individuaes, e dando á administração de justiça e aos outros ramos do serviço publico disposições e formulas menos vexatorias e mais equitativas. Porém o mais importante de todos os seus beneficios era o de ir enchendo o profundo e largo fosso, que, desde os tempos da conquista, separa a raça ottomana da população christã do imperio. E ir igualando pouco a pouco os direitos dos vencidos com os dos vencedores era dar patria a muitas raças de homens intrepidos e industriosos; era attrahir aos interesses do imperio muitos milhões de christãos dos diversos ritos, até ali desprendidos de quasi todos os laços que ligam o individuo ao paiz onde nasceu, e ao soberano que o governa. Era este talvez um dos alvos a que o reformador se dirigia, e de certo era um dos resultados a que as reformas naturalmente tendiam.

Quem attender a todas estas circumstancias poderá avaliar ao justo as consequencias de uma reacção na Turquia. Conhecerá sem duvida, que os seus efeitos não se limitavam simplesmente á paralysação do progresso civilizador, e á lucta entre os velhos interesses que as reformas feriram, e os novos, que ellas haviam creado, e que o tempo já tinha enraizado. Conhecerá que esses efeitos tinham ainda mais longo alcance, pois não só iam impedir a futura fraternisação, se ella é possivel, entre os musulmanos e as outras raças que formam quasi dous terços da população do imperio, mas além d'isso iam collocar as suas relações n'um pé muito mais desfavoravel entre si e para com o governo do que antes da existencia das reformas.

A Russia portanto, conseguindo elevar ao poder os representantes dos velhos interesses, logrou a um tempo estabelecer em Constantinopla a sua influencia, e afastar do lado do sultão os embaixadores das potencias mais interessadas na conservação do imperio ottomano; dispor uma reacção que obstasse aos progressos da Turquia, e provocar uma lucta intestina, que a debilitasse; obstar á emancipação de perto de vinte e tres milhões de slavos, gregos, armenios, e muitas outras raças submettidas ao jugo musulmano; e impedir assim que viesse um dia em que todos esses povos, unidos pela igualdade de direitos, e pela uniformidade de interesses, constituissem uma nação grande e poderosa.

Assustadas pelo aspecto dos negocios do Oriente trataram logo a França e a Gran-Bretanha de combater a preponderancia russiana, e de neutralisar a influencia perniciososa dos acontecimentos. Porém desgraçadamente todos os meios que empregavam, directos ou indirectos, iam ferir a existencia do imperio ottomano, pois que todos se reduziã a severidade de exigencias officiaes, que torturavam o governo, humilhando a nação, ou á multiplicidade de intrigas, que devassavam as regiões do poder, desmoralizando os funcionarios.

As desordens que progrediam na Syria por effeito das instigações occultas do vice-rei do Egypto, offereciam vasto campo ás exigencias das duas nações occidentaes. E estas, affectando ignorar a origem d'aquel-

las desordens, attribuiam todo o mal ás vexações, que os governadores turcos faziam pezar sobre os christãos, e d'ahi tiravam pretextos para exigir a revogação de medidas, e a destituição de auctoridades; para condemnar a politica do divan, e em fim para o cercar de toda a casta de estorvos e dissabores. O fim principal d'estes esforços era a queda do ministerio, e por consequente a da influencia russiana; mas não se lembravam de que obrando d'est'arte, além de affectarem a causa que mais os devia interessar, alienavam de si as sympathias de todos os musulmanos, quaesquer que fossem as suas crenças politicas. A esta, a meu ver, errada politica, se poderá sem duvida attribuir o proceder, aliás contradictorio, de alguns membros influentes do divan, que sendo sectarios das idéas de reformas, e apontados pela sua incorruptibilidade, sustentavam a administração, e davam apoio á preponderancia da Russia.

Assim pois a França e a Inglaterra viam inuteis todas as suas diligencias, e desattendidas as suas reclamações, apesar do aspecto ameaçador da esquadra franceza em Smyrna, e da ingleza nas costas da Syria. O gabinete ottomano, tão resentido se achava contra aquellas duas potencias, e ao mesmo tempo tão dominado pelo embaixador do czar, que até se recusou a dar ao governo inglez a satisfação pedida por um castigo infligido a um subdito britannico pelo governador de Smyrna.

Porém o gabinete de Londres, firme na sua politica de trazer continuamente em difficuldades os ministros ottomanos, lá foi armar questão em Tripoli sobre a abolição do trafico da escravatura, e ácerca do pagamento de certas quantias devidas a negociantes de Malta, exigindo logo depois a exoneração do pachá.

Em quanto estas cousas se passavam, rebentou na Servia uma revolução, que expulsou do paiz o principe Miguel, hospodar nomeado pela Porta, e a toda a sua dynastia, entregando as redeas do governo ao principe Alexandre Petrowitch. Na Valachia, na Moldavia, na Bulgaria, e na Albania lavrava a guerra civil com mais ou menos encarnicamento.

As relações exteriores da Sublime Porta tambem tinham sobrevivendo graves complicações. Entre esta e a Grecia suscitára-se uma seria desintelligencia, á qual o gabinete de Athenas dava de dia para dia um character mais hostil. A Persia tinha apresentado pelo seu embaixador em Constantinopla varias reclamações sobre demarcação de territorio, e indemnisações; e sustentava-as com tal insistencia e azedume, que parecia inevitavel um rompimento entre as duas nações.

Nem a estas desintelligencias, nem áquellas revoltas era estranho o gabinete de S. Petersburgo. Colocado o sultão em circumstancias de precisar de auxilio estrangeiro para resistir aos inimigos externos, e para debellar a anarchia no interior, não seria difficil ao czar, attendendo ao valimento do seu ministro em Constantinopla, obter para si exclusivamente as honras de uma intervenção armada, que lhe traria a dupla vantagem de apoiar e consolidar a sua influencia junto ao sultão ao mesmo tempo que a estendia directamente sobre os povos.

Para obstar á realisação d'estes planos concertaram-se a Inglaterra e a França; e d'esta vez tiveram do seu lado as duas grandes potencias allemãs. Tanto na questão da Grecia como na da Servia interpoz a diplomacia europea a sua mediação, conseguindo, ainda que depois de muitas delongas, uma conclusão pacifica para ambas.

Chegou a romper a guerra entre a Persia e a Turquia, e deram-se alguns combates; mas os esforços e habilidade da diplomacia britannica alcançaram restabelecer a paz, trazendo a um accôrdo as duas partes belligerantes. Assim se tiraram á Russia todos os pretextos plausiveis para uma intervenção armada.

Esta mudança na politica ingleza, e o conhecimento das intrigas da Russia, começaram a abalar a preponderancia moscovita. Porém quando o embaixador britannico, Sir Stratford Canning, se julgava prestes a entrar na privança do soberano, chegou a Constantinopla mr. Boutenieff, novo enviado do czar; e mais habil que o seu antecessor conseguiu restabelecer o predominio da Russia. Estavam então pendentes duas questões importantes na Servia e na Valáchia. N'esta tratavam as potencias occidentaes de sustentar o principe Ghika contra as tentativas revolucionarias dirigidas pelos manejos de S. Petersburgo. N'aquella diligenciavam a destituição do principe Alexandre, creatura da Russia, e o restabelecimento do antigo hospodar. Mr. Boutenieff exigiu e alcançou, que o sultão reconhecesse o principe Alexandre (1), e que nomeasse para o lugar do principe Ghika um hospodar dedicado aos interesses russianos. Para dar força a estas exigencias tinha o czar enviado para a linha do Pruth, e para as margens do baixo Danubio um exercito de 120 mil homens com 300 peças d'artilharia, e fizera apromptar em pé de guerra a sua esquadra do mar Negro.

Pode-se bem ajuizar da surpresa e desgosto, que semelhantes arranjos causaram aos governos da Grã-Bretanha e da França. E tambem a propria Austria não viu sem ciúme e receio firmar-se na Servia e nos principados danubianos a preponderancia russiana. Amestradas porém pela experiencia não recorreram aos meios de que outr'ora ambas lançaram mão para combater a influencia do autocrata. Em vez de cercarem o sultão e os seus ministros de exigencias, quasi sempre injustas ou injuriosas, procuraram pelos meios da persuasão, empregados brandamente, mas com perseverança, convencer os da duplicidade da politica moscovita, e dos perigos que resultavam para o imperio ottomano de uma alliança assim íntima com tão poderoso visinho e falso amigo.

D'este procedimento, que, sem offender susceptibilidades nacionaes, fazia patentes verdades irrecusaveis, e punha em alto relevo perigos reaes, que se não podiam contestar, colheram em breve os desejados fructos. O sultão e a maioria do divan, esclarecidos por tão fortes razões, declararam-se a favor da politica das potencias occidentaes; e desde então nunca mais a Russia pôde reassumir em Constantinopla o seu ascendente.

O triumpho alcançado pela influencia anglo-françeza era a victoria do principio liberal na Turquia, liberal certamente, posto que ainda restricto ao que constitue os primeiros elementos d'essa nova civilização, cujos progressos necessariamente hão de vir a dar em resultado a liberdade, mais tarde ou mais cedo, segundo a successão e força dos acontecimentos.

Com quanto o partido reaccionario, na sua subida ao poder, tivesse promettido á nação o retrocesso para o antigo regimen, não chegou todavia a dar inteiri-

(1) Mais tarde, estando já este principe investido pelo sultão no governo da Servia, exigiu a Russia a sua exoneração, e obrigou a Porta a annuir, ameaçando-a com a guerra. Logo em seguida, pelos muitos meios de que dispunha, moveu os habitantes a protestarem contra este acto do sultão, e a convocarem uma grande assemblea, na qual foi novamente eleito o mesmo principe, forçando então o gabinete ottomano a reconhecer-o de novo.

ro cumprimento ás suas promessas. Foram revogadas algumas medidas importantes; mas n'outras, e principalmente no *hatti-scherif de Gulhané*, não se atreveu a tocar, vendo levantar-se ameaçadora a opposição dos interesses creados pelas reformas, e a anarchia prestes a erguer o collo. Tinham-se portanto contentado, depois d'aquelle primeiro ensaio do seu poder, em ir deixando cair em desuso as novas praticas e medidas, que não haviam sido legalmente derogadas.

Tratando-se de fazer entrar de novo o imperio ottomano no caminho do progresso, era indispensavel recorrer aos talentos, energia e firmeza de caracter de Reschid pachá, que depois da morte de Mahmoud II ficára personalizando a idéa do progresso civilizador da Turquia. Chamado pois novamente para os conselhos do sultão não só poz em vigor as reformas anteriormente decretadas, mas proseguindo intrepido no mesmo systema, foi introduzindo muitas outras com que deu mais regularisação a diversos ramos do serviço publico, com que animou a agricultura, desenvolveu o commercio, e melhorou a condição dos subditos da Porta não musulmanos.

Não caminhava o governo ottomano desassombradamente no seu systema de reformas. Via-se forçado a sustentar uma lucta porfiosa e tenaz. Além da opposição do partido retrogrado, que não cessava de tecer intrigas e mover-lhe estorvos, a Russia fazia-lhe a mesma guerra, que pouco antes era feita pela França e Inglaterra. A força porém de muita constancia e energia, e ajudado pelas duas potencias occidentaes, o gabinete ottomano ia vencendo as difficuldades da situação, e sempre continuando a imprimir impulso á regeneração do imperio.

A revolução de Paris de 1848, que abalou a quasi toda a Europa, fez repercutir os seus echos nos principados do Danubio. O czar, meio temeroso pela aproximação do incendio ás fronteiras do seu imperio, meio cubicoso de aproveitar a oportunidade do ensejo para a occupação militar d'aquellas provincias, ordenou aos seus exercitos que atravessassem o Pruth, e fez notificar ao divan a resolução em que estava de debellar por si só a revolução dos principados.

Não podia o sultão consentir na intervenção exclusiva da Russia sem comprometter gravemente os interesses e segurança da Turquia. Firmando-se pois nas disposições dos tratados relativas aos casos em que essa intervenção deve ter lugar, enviou aos principados um corpo de exercito, e exigiu que a occupação fosse feita collectivamente por ambas as potencias, e com igualdade de forças.

A letra dos tratados era tão clara, que não podia o gabinete de S. Petersburgo recusar-se a annuir a justa pretensão da Porta ottomana. Porém ás suas tergiversações a respeito da igualdade das forças combinadas de occupação, e todo o seu procedimento nos principados, quer para com os revoltosos, quer para com as auctoridades legaes, crearam para o governo turco uma situação difficilima, estabelecendo um conflicto perenne, não só entre os respectivos generaes, mas tambem entre as duas côrtes. Foram precisas aos ministros do sultão muita prudencia a par de muita habilidade e energia para sustentar, sem o perigo de um rompimento, os interesses e dignidade do imperio, e os foros dos principados, e para obter a final a evacuação dos mesmos pelas tropas russianas.

Porém quando o sultão e o seu ministerio deram mais exuberantes provas d'aquellas apreciaveis qualidades foi em 1850, na questão da expulsão dos hun-

garos, italianos e polacos, que tinham ido refugiar-se no solo ottomano depois de vencidas as revoluções da Hungria e da Lombardia. O modo por que resistiram, primeiro ás instancias, e depois ás ameaças da Austria e da Russia para a entrega dos refugiados, faria honra á nação mais civilisada da Europa. Levado ao ultimo extremo pelas exigencias austro-russianas Abdul-Medjid appellou para a Gran-Bretanha e para a França, declarando que «na defesa de um principio, sem o qual não havia independencia para os estados, nem refugio para o pensamento humano, elle e o seu povo estavam promptos para a guerra.»

Tanta firmeza e tão grande dignidade conseguiram

que a Turquia saísse airoso e pacificamente de tão ardua e espinhosa questão. Apressaram-se as duas potencias occidentaes a procurar termo para o conflicto, e pela sua mediação convieram ambas as partes em que os refugiados fossem simplesmente internados, ficando sob a vigilancia da auctoridade.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

É facil fallar; é difficil saber fallar; mas ainda é mais difficil saber calar.



CASA ONDE NASCEU HERDER.

J. Godofredo Herder, filho de um mestre de meninos, nasceu em Mohrunge (Prussia) a 25 de agosto de 1744. Seu pae não lhe permittia que lesse outros livros senão a Biblia e uma collecção dos psalmos. Mas Herder, ancioso de aprender, aproveitava para esse fim quantos lhe caíam debaixo de mão. Logo que conseguia obter algum livro, corria ao jardim, trepava a uma arvore, e ali, depois de bem seguro ao tronco com uma corréa, devorava ardentemente o fructo prohibido.

Um homem generoso, informado do amor que o moço Herder consagrava ás letras, tomou-o para secretario, fazendo-o participante da educação dada a seus proprios filhos. Na casa de seu protector Herder travou relações de amizade com certo cirurgião russo, que o conduziu a Koenigsberg com o intuito de lhe ensinar a cirurgia. O mancebo pouco depois renunciou á arte de curar as feridas do corpo, e propoz-se ao estudo da theologia. Foi então que frequentou o curso do famoso Kant. Mas Herder não tinha os hábitos sedentarios do illustre philosopho, que morreu em idade avançada sem nunca sair as portas da patria Koenigsberg. Desejava correr mundo; e por isso aproveitou a occasião que se lhe proporcionára de viajar em companhia de um joven principe. Partiu pois; mas chegando a Strasburgo teve de ahi demorar-se, aggravada a enfermidade de olhos de que padecia desde a infancia.

Corria o anno de 1770. Goethe, que tinha então os seus vinte e um annos, frequentava em Strasburgo os cursos da universidade. Os dous mancebos encontraram-se e relacionaram-se intimamente; mas Herder, mais velho que o companheiro, e já conhecido por valiosos escriptos, tomou sobre Goethe uma especie de ascendente, a que este aliás se sujeitou sem repugnancia. O auctor de *Werther* accusa o seu amigo de certas desigualdades de genio, que o tornavam muitas vezes de um trato bastante desagradavel. Em despeito d'isso Goethe serviu-lhe de enfermeiro durante a cruel operação que soffreu nos olhos. Posteriormente obteve-lhe um emprego em Weimar. Herder morreu em 8 de dezembro de 1803.

Herder foi nomeado barão pelo rei do Hanover; mas os seus verdadeiros titulos de nobreza são as *Idéas sobre a Philosophia da Historia*, a *Historia do Cid*, a *Historia da poesia dos hebreus* etc. Só a lista dos seus escriptos occuparia largo espaço; pois que não compoz menos de sessenta volumes, abrangendo todos os ramos das sciencias humanas: philosophia, historia, critica litteraria, bellas artes, religião, philologia, etc.

A gravura representa a modesta casa onde nasceu Herder, um dos mais profundos engenhos, que tem produzido a culta Allemanha.

LITTERATURA DA PUERICIA.

São as folhas periodicas semelhantes a essas folhas verdes, que a primavera desenrola, que o sol de Deus faz reverdecer, que um orvalho matutino tornou viçosas, que um gorgueio foi alegrar, que as flores embalsamaram, e que muitas vezes, e o mais d'ellas, a briza innocente, a aragem descuidada, que só ellas sentiram, fez cair e murchar. Lá vão morrendo e renascendo. Qual seu numero? Que tempo duraram? Fecundaram onde caíram? Esterilisaram onde succedeu de pousarem? Quaes foram as boas? quaes as ruins? Souberam-no ellas... se o souberam.

E essas folhas caprichosas, de diversos feitios, para todos e para tudo, appareceram com as estações, a voarem com todos os ventos, a prognosticarem tempestades que ellas só presumiram, a alindarem o abril que as convidou para o grande banquete de luz e amor, umas; a doudejarem mentirosas, outras: estas a prometterem flores só; aquellas apontando fructos; eil-as por toda a parte, ora amigas, ora venenosas, ora indifferentes, porém já como que indispensaveis e essencialmente necessarias.

Portugal, se fosse a inventariar o seu jornalismo, desde a inoffensiva *Gazeta de Lisboa*, até ás *Revistas*, até aos innumeraveis periodicos dos ultimos tempos; desde os jornaes perfumados de camarins, até ás brochuras scientificas, já accumulava um catalogo monumental, se lhe lembrassem todos.

Mas para as primeiras idades o que se tem escripto? Onde os seus *Journal des Enfants*, onde os seus *Youth's keepsakes*? Onde os livrinhos de recompensa? Tem-se pensado, desde quando convinha, em preparar para crianças leituras variadas e uteis ao mesmo tempo? Entre as suas folhas, terá o jornalismo portuguez a tenra multicaule para o sirgo que depois ha de trabalhar, trabalhar até morrer?

Realmente a nossa litteratura infantil apenas começa. Esse descer para elevar, esse identificar-se com os corações puros, como saíram das mãos de Deus, que são só da infancia e de mais ninguem; essa arte de a fazer interessar por cousas serias, bem serias, sem o ella suspeitar; essa industria com que se lhes aproveita a imaginação para lhes fortalecer o espirito, illustrar o entendimento e formar o coração, é para mui poucos.

Mas ha de vir, assim o cremos, porque a mão da Providencia não cansa nem descansa em semear para o bem; ha de vir, porque a vaga sempre crescente da civilização não pára nunca; tem de chegar, porque as tendencias do dia de hoje são preparar o dia de amanhã. Não ha pequenez nos meios, quando se atende á grandeza dos fins; de atomos se compõe o universo. Isto que se figura pouco, é (talvez muitos o não julguem) o patrimonio da humanidade. Os escriptores a quem estes nadaes tambem já fizeram grandes, não hão de ter pejo de levar ao mealheiro da geração nascente o obolo do genio; o pão ha de ser partido em pequeninos, como sonhava o bom Bernardes.

Escreve-se, argumenta-se, troveja-se para formar a opinião publica; e o publico, mais a sua opinião, não vêem longe o occaso; e a opinião d'esses futuros homens, hoje fracos e protegidos, mas que amanhã nos hão de sobreviver para nos julgarem, não merecerá disvellos tambem? Aqui a razão multiplica a força das razões, que tão obvias acodem, que tão deveras o são, que mais se demonstra omitindo-as, do que se prova no expol-as.

A tarefa é de enfeiticar. O mais difficil está feito.

Era ensinar a ler, sem fazer d'esse tirocinio stadio longo de abhorrimentos e martyrio. Opensamento de Pestalozzi, completou-o a invenção portugueza. O *sinete parvulos* do Evangelho, que primeiro encontrou echo pela sabia Allemanha, foi posto em pratica, e traduzido n'um invento, a que sem hyperbole se pode chamar maravilhoso, por um sabio de Portugal. (1) O livro em que elle se contém é dos mais sympathicos que a mãos d'homens é dado escrever. Não é a historia d'uma raça illota, escravizada e escrava, resignada no equuleo do senhor d'engenho, e com os olhos no céu, pedindo-lhe a regeneração nos balsamos da paciencia. A historia, a chronica-romance com que mrss. Stowe arrancou lagrimas de compaixão a dous mundos em favor d'uma classe miseravel, não é mais para o coração do que esse outro livro do futuro, onde vem cifrado o resgate da mais fragil porção da humana especie, até hoje illota e escrava, até hoje no equuleo bem apesar vosso, ó mães que deveras o sois, até hoje soffrendo o martyrio, não com os olhos no céu de resignada, mas com a alma ainda no céu, e que apenas olhou para a terra, foi para indignar-se de injustiças. Hontem foram os meninos na fonalha, cantando hosannas que a ignorancia e a crueldade não entendia; d'ora em diante serão os pequeninos a aprender lições de amor com o mesmo amor com que Jesus Christo os chamava para junto de si.

De enfeiticar é a tarefa, para vós que dispondes da penna, e que sabeis escrever de dentro.

Aprende-se a ler brincando. Alegrae-os mais, aos pequeninos, instruindo-os; escrevei para elles como o coração vol-o ditar, homens de coração bom. Formar-lhe-heis o coração; o espirito lh'o formareis depois. Que elles amem o que lhes tiverdes escripto, e que vos amem a vós tambem.

«Não me persuado haver cousa alguma que possa confiar-se em todo o decurso da nossa vida intellectual, áquelles primeiros jubilos da imaginação,» diz um escriptor contemporaneo distincto.

É verdade, e tão verdade que não ha ninguem que o não tenha por si mesmo experimentado. É a reminiscencia mais agradavel, mais saudosa, mais feitiçeira mesmo, em que a idade madura se delicia de pairar, quando solta o vôo pelo campo das recordações.

O jardim onde nos arranhou o primeiro espinho de roseira, era tão verde, o rosal tão alegre e mimoso, o jasmineiro que mais longe abraçava o muro parece ainda estar a recender-nos de longe, tão suaves eram as suas fragancias! Mas o primeiro livro que deciframos... a primeira pagina que nos contou uma historia... as letras que primeiro nos fizeram ter consciencia da propria imaginação... não eram negras; a imaginação reconhecida, nol-as pinta de côr de rosa de agradecimento, nos reveste essas primeiras paginas com os graciosos ramos dos primeiros arbustos que vimos; e o livro, enfeitado de grinaldas, de rosas e lyrios, obtem entre as nossas recordações da puericia, até entre as mais gratas de toda a vida, o lugar d'honra no íntimo do coração. É que elle não só nos lisongeou primeiro o nosso amor proprio de crianças, engrandecendo-nos aos nossos olhos; mas tambem d'elle é que primaria e indubitavelmente derivaram todas as nossas posteriores afeições por letras e por livros.

Oxalá avaliassem todos bem, quanta escolha não deve presidir ás primeiras leituras de uma criança!

(1) O *Methodo-Portuguez* do sr. A. F. de Castilho

Oxalá reflectissem todos que escrevem no serviço que prestariam, rebaixando as pompas do estylo e as galas da phrase, até se nivelarem com uma intelligencia pueril!

Dizei, não vos sorri o coração quando tomaes uma criança no regaço e a beijaes?

Se algum dia vos vacillou a fé, não vos sentis n'esse momento dispostos a crer em anjos, para nunca mais d'elles duvidardes?

E se essa criança é pobre? Não vos sentis maiores, servindo-a?

E se não tem mãe que a conchegue e aninhe nos braços, não sentis ennobrecer-vos inda mais o contacto angelico d'essa creaturinha que erguestes, para lhe emprestardes as vossas caricias?

Assim é a litteratura da infancia.

É um escrever que allivia das penas d'este mundo. Desterra dissabores; desfada de ingratidões; rejuvenesce a alma; dá ao espirito um perfume de bondade, que nem sempre é ephemero. É como uma obra de misericordia que se praticou. O escriptor fica por muitos dias bem consigo mesmo.

E se a leitura é para os filhos dos pobres? Estes são os que mais precisam que se lhes fortaleça na aurora o espirito, porque o dia, até entenebrecerem-lhe as escuridões da noite, se lhe ha de ir todo na fragoa do trabalho; estes não tem outras ferias em toda a sua vida.

É uma differença bem notavel, com quanto o pensamento fundamental pareça o mesmo n'esta ordem de escriptos. Escrever para os filhos do rico não é o mesmo que escrever para os do operario. Em quanto a um se aconselha a protecção e a liberalidade, excita-se no outro a resignação e o trabalho; áquelle, falla-se, sem perigo, dos prazeres e festas que lhe são communs, e que ao pobre excitariam invejas; a este, dos prazeres menos ruidosos, porém mais simples e humildes, que para o primeiro seriam apenas idillio. E assim é preciso, em quanto no mundo houver pobres e ricos.

Nas duas bandas do Rheno são tão estimados os livrinhos do conego Schmid que, se não fosse o modo de dizer peculiar ao auctor, e a palavra traducção que os denuncia estranhos, em França se não saberia se eram nacionaes ou allemães, segundo se expressa mr. Salmon, auctoridade de bastante pezo em assumptos de educação popular.

Que de moralidade não tem prestado á Inglaterra esses livrinhos de dezeseis paginas, de outo, de quatro até, que as sociedades de instrucção primaria quotidianamente publicam, illustrados de gravuras, semeados de poesias, viçosos pela singeleza do estylo, convidativos pela barateza do preço, utilissimos pelo escolhido das theses que em prol da moral e dos bons costumes ali se desenvolvem?

Do presbyterio desce a homilia a evangelisar o povo inglez; dos prelos civilisadores chove a homilia puerilisada, se nos permitem o termo, a derramar os beneficios do Evangelho pela população que são do berço para a escola, d'onde partirá para a procellosa peregrinação da vida.

O dominio clerical com livrinhos tão baratos que até alguns eram dados, se firmava e tem firmado nas theocracias.

A gravura e a estampa quanto não tem devido o catholicismo?

Deus me livre de pretender demonstrar o que de si é evidente.

Concordam hoje todos em que o povo precisa ler; que precisa que lhe ensinem em primeiro lugar

que lh'o ensinem em pouco tempo; e que lhe dêem livros, para satisfazer aquella nova necessidade. Mas não basta que se façam leituras para os adultos. É indispensavel crear-se-lhes o gosto ainda mesmo antes da adolescencia. Oxalá que esse gosto fosse excessivo, que de todos os excessos é o menos perigoso. E que melhor ensejo para captivar a vontade, que tomar-lhe nos braços a intelligencia ainda menina, fallar-lhe na sua linguagem, com o tom de affecto com que sua mãe lhe falla, e implantar-lhe assim, tão facilmente, com tanto deleite para uns e outros, as tendencias do bem?

Algumas plantas ha, que basta só metter na terra uma de suas flores, para pegarem, florirem e fructificarem. Assim são as virtudes. Uma flor, plantada na estação propria, dá de si muitos fructos.

Repugna, seja a quem fôr, o ter de fallar de si; mas tenho para mim que este é o logar de confessar que não poucos jubilos intimos tenho já devido a algumas tentativas que n'este genero enctei. O *Ramalhinho da Puericia*, não passa ainda d'uma experiencia. Vae em sós quatro numeros. Conto fazer, por aquelle plano, um curso, quanto possivel fôr, completo, de educação e instrucção elemental. Antes que do meu humilde trabalho fallasse, a outro me devia referir, aos *Livrinhos do Povo* do sr. A. P. Forjaz de Sampaio. O acolhimento que este paiz vae dando a esta especie de publicações, é uma prova do quanto as precisava. Anima a continuar, mas não nos desobriga de desejarmos ainda mais.

Um periodico (o nome não é attrahente) uma folha onde ás crianças se avive o gosto da leitura, já não era em Portugal objecto de luxo. Outra, destinada aos educadores da puericia, não só o não era, mas de ha muito que o paiz a pede, a deseja, e a necessita. Um jornal d'instrucção primaria, e de mais nada, que sendo só d'isto, de muito era; pedimol-o a alguém em cujas mãos resida a prodigiosa vara de condão que reduz idéas a obras. Não haverá quem escreva para uma e outra folha? Não haverá quem as leia tanto a uma como a outra? Faça-se, e este *faça-se* dará a luz a muitos que d'ella carecem. Não nos deteremos sobre as vantagens que d'ahi possam resultar. São bem conhecidas. O como estas duas utopias (infelizmente em Portugal ainda é utopia muita cousa d'estas) o como estas duas utopias, diziamos nós, se hão de realisar, é tão pouco difficil de entrever, que ocioso seria consagrarmos-lhe aqui algumas linhas.

LUIZ FILIPPE LETTE.

NAVEGADORES PORTUGUEZES.

V.

VISITADORES DA AMERICA.

Deixando de parte a complicada questão de prioridade no descobrimento do Novo Mundo, e concedendo ao genovez Christovão Colombo a gloria de ser o primeiro que visitou a America, em prejuizo dos navegadores islandezes da idade media, do nosso Córte-Real, e do piloto, tambem portuguez, Francisco Sanches, que muitos escriptores, tanto nacionaes como estrangeiros, dizem haver sido arrojado por um temporal para aquelle continente, o qual communicára a Colombo as suas cartas, notas e derrota; prescindindo, dizemos, d'essa discussão em que nada tinhamos a perder e tudo a ganhar, seja-nos ao menos permitido desprezar a tardia opinião de um auctor mo-

dermo, que, ao cabo de tres seculos, se lembrou de querer usurpar o quinhão de gloria que cabe aos portuguezes pelo descobrimento do Brazil, para o conceder ao navegador hespanhol Vicente Yanes Pinzon; (1) e engolfando-nos com os companheiros de Pedro Alvares Cabral nas solidões do Oceano, vejamos como apparece aos portuguezes a terra de Santa Cruz.

No dia 9 de março de 1500 desferrou do surgidouro de Belém uma armada de treze velas, destinada a mostrar no Oriente o nosso poder naval. Mil e duzentos homens de mar e guerra compunham o pessoal d'esta expedição, cuja capitania-mór foi confiada a Pedro Alvares Cabral, por indicação de Vasco da Gama. Antes de chegarem a Cabo Verde já uma das naus se havia desgarrado, e as doze restantes amarrando-se, por fugirem ás calmas de Guiné (como diz Barros), mas não por tempestade (como outros affirmaram, sem fundamento) e talvez, por curiosidade de se encostarem áquella parte d'onde Colombo voltára com a noticia de novas ilhas, de tal forma descaíram para oeste que foram avistar uma terra desconhecida, no dia 22 de abril. Ao primeiro morro que enxergaram deu-se o nome de *Monte Pascoal*, em commemoração da festa que então acabava de celebrar a Igreja, e a toda aquella terra a denominação de *Vera Cruz*, em lembrança do signal da redempção que logo plantaram nas suas mysteriosas praias. *Santa Cruz* se chamou depois este vasto imperio, e mais modernamente *Brazil*. João de Barros, e muitos outros escriptores antigos e modernos, erram mencionando a descoberta no dia 3 de maio, tirando da festividade d'esse dia o nome dado ao paiz. Pero Vaz de Caminha, e o piloto portuguez anonymo, que escreveu a derrota d'esta viagem, testemunhas oculares, são conformes em assignar a data de 22 d'abril a este milagroso descobrimento. Gaspar de Lemos voltou com a sua nau a Lisboa, a trazer a el-rei a boa nova, e as outras onze seguiram para o cabo da Boa Esperança. Uma horrorosa tempestade as aguardava, depois de tão prospero successo. Alguns dos navios foram ter a Moçambique, outros a Quilôa, aonde a final se chegaram a reunir seis, que, juntos, passaram a Calecut. Um d'elles era o do capitão-mór, que levava por piloto Affonso Lopes, homem de bastante prestimo, e por mestre André Gonçalves; outro o do sota-capitão-mór, Sancho de Toar, fidalgo hespanhol; capitães das quatro naus restantes eram Nicolau Coelho, companheiro do Gama, o celebre Pedro d'Athaide Inferno, Simão de Miranda e Nuno Leitão. Ignoramos os nomes dos pilotos e mestres d'estas embarcações, que tão trabalhosa viagem tiveram, sem gloria alguma e, talvez, com pouco proveito. Sabemos porém que ia n'esta armada o grande Duarte Pacheco Pereira, provavelmente sem cargo marítimo. Das naus que se perderam uma era capitaneada por Bartholomeu Dias, o companheiro de Infante e de Pero d'Alemquer na exploração do cabo, que ia presenciar agora a sua morte; Diogo Dias, seu irmão, commandava outra, e ambos levavam destino para Sofala. Não se sabe qual foi o fim d'estas naus. As seis que escaparam do temporal, encheram de terror os mouros da Africa e do Indostão, e, sob pretexto de propagar a lei do Evangelho, foram usando das maneiras convincentes dos filhos de Mahomet na introdução do koran, mas não tanto como os nossos catholicos visinhos na expugnação do Novo Mundo. Se os

portuguezes tiveram a queixar-se de varias traicões, principalmente em Calecut, não me parece que isso justifique sufficientemente a guerra de piratas que fizeram nos mares do Oriente, assaltando, saqueando e queimando quantas naus de commercio encontravam no seu caminho.

Emfim a armada desfraldou as velas aproando á patria. Sancho de Toar encalhou com a sua nau na costa oriental d'Affrica; e, salva toda a gente, e perdida a carga de especiaria, queimou-se aquella embarcação de duzentas toneladas, e o sota-capitão-mór passou a outra mais pequena, e foi reconhecer Sofala, chegando a Lisboa algum tempo depois das quatro que seguiram logo directamente para Portugal.

O piloto portuguez acima alludido, que escreveu a narração d'esta viagem, assegura que de toda a armada de Cabral só seis navios voltaram ao Tejo.

Pedro Alvares não tornou á India nem ao Brazil, e não nos consta mesmo que exercesse nenhum cargo de alta importancia, quando aliás só morreu depois de 1527, segundo se deduz do epitaphio gravado na sua sepultura, em o convento da Graça (Santarem.) Indubitavelmente o nosso homem não tinha amor pelo mar, não nascera predestinado para navegações atrevidas... e todavia deixou o seu nome á bahia *Cabralia*, e ligado tambem para sempre á historia do descobrimento da mais bella porção da America!

Que foi feito de Affonso Lopes? Ignora-se!

E no principio da historia do Brazil tudo é duvidoso. Sabemos apenas com certeza que *Porto Seguro* se descobriu em 1500, pois que ahí descansou a frota de Cabral; porém quem foram os primeiros que aportaram ao Rio de Janeiro, navegaram o Amazonas, e exploraram os differentes logares de tão extensa costa? Quanto ao reconhecimento da *Bahia* ha a historia do *Caramuru*, bem conhecida, posto que duvidosa; e a armada de Gonçalo Coelho, que deixou gente n'aquella paragem em 1501. Americo Vesputio diz que puzera o nome de *Bahia de todos os Santos* a um porto que descobriu em 1503, voltando de *Fernão de Noronha*; e finalmente este descobrimento é attribuido por outros a Christovão Jaques, em 1525. É certo porém que, em 1531, a armada de Martim Affonso encontrou ali um bacharel portuguez, degradado *ha trinta annos* n'aquella terra; e é do seguinte anno, 1532, que data a colonisação do Brazil começada em S. Vicente, muito ao sul do Rio de Janeiro. Esse objecto, porém, não entra no programma do presente estudo. Retrocedendo ao anno de 1500, vejamos como ao passo que Pedr'Alvares encontrava o Brazil, outro portuguez, o intrepido Gaspar Corte-Real, procurava directamente o norte da America, e buscava o sonhado caminho para a India pela extremidade septentrional do novo continente.

Corte-Real saiu do Tejo na primavera do mesmo anno, com dous navios, apartando-se para o norte até á latitude de 60 graus; descobriu a terra de *Labrador* ou do *Corte-Real*, e a ilha que chamou dos *Bacalhaus*, se é que já antes outro Corte-Real não tinha visitado estas paragens. (1) Voltando ao reino este homem, que os chronistas apresentam como um navegador experiente, preparou-se para nova viagem, e munido de privilegios reaes, partiu de Lisboa a 15 de maio de 1501... porém não voltou! Seu irmão, Miguel Corte-Real, foi-se em busca d'elle, logo no seguinte anno de 1502... mas não regressou tambem! Duas naus, despachadas por el-rei D. Manuel em pro-

(1) No VII volume d'este semanario, a paginas 306 e 307, tractou o assumpto o sr. Tiburcio Antonio Craveiro: para ali remetemos os curiosos de taes estudos.

(1) Vide o capitulo II d'esto estudo, pag. 27 do presente vol

cura de ambos, tornaram, mas sem noticias dos aventureiros; e foi mister a auctoridade real para impedir que o mais velho dos irmãos Córte-Real, o nobre Vasco Eannes, governador das ilhas Terceira e de S. Jorge, seguisse o mesmo trilho, onde se perderam Gaspar e Miguel. O titulo honorifico de capitão donatario da Terra Nova é quanto ficou a esta illustre familia da ousada empreza de alguns de seus membros.

Americo Vespucio tambem figura muito nas primeiras navegações das naus portuguezas ás plagas do Novo Mundo, e a sua descripção da costa austral da America foi, talvez, a origem de se dar o nome d'este sabio aventureiro áquella parte do globo. Já um auctor francez disse que, a honra do nome de *America* dado ao Novo Mundo, parecia ter sido um premio de litteratura; nós accrescentaremos que é um dos maiores disparates que os seculos têm sancionado!

E não é porque queirâmos negar o merito do piloto florentino, nem seja menor a nossa consideração por elle, vendo que navegára sob as ordens de capitães mores portuguezes, nas viagens que fez á America, em serviço d'el-rei D. Manuel; não: demasiado comprehendemos que um piloto e cosmographo como Vespucio faria muito mais n'estas explorações, do que um fidalgo arvorado em capitão de frota, que talvez embarcava pela primeira vez; o nosso desejo seria reivindicar a gloria de todos os ousados nautas, que a historia esqueceu com tanta ingratiidão; porém Colombo merecia mais do que Americo a honra de legar o seu nome ás novas regiões do occidente. Aquelle aportou primeiro ao mundo que adivinhou, ou lhe denunciaram; este apenas reconheceu que a America era um continente, e que o Brazil não era uma ilha como se suppunha.

As duas primeiras viagens de Vespucio, entre 1497 e 1500, foram emprendidas em navios hespanhoes, como as de Colombo; a terceira e quarta, de 1501 a 1504, sobre navios portuguezes. Se os dous reis e os dous paizes que serviu na exploração da America deixaram de premiar condignamente o seu merito superior, a posteridade recompensou-o até á saciedade, porque o seu nome durará tanto como o mundo.

A ordem chronologica dos successos, que diligenciâmos seguir, tanto quanto o permite a simultaneidade das navegações portuguezas em todos os mares do globo, obriga-nos a cortar o fio da exploração da America meridional para seguir de novo a carreira do Oriente. São tantos os vultos de navegadores heroes, que nos apparecem sulcando as aguas, visitando ignotas terras, combatendo em toda a parte, durante os primeiros annos do novo seculo, que difficil será grupal-os de maneira que lhes não falte a precisa luz. Empregaremos toda a nossa diligencia e bons desejos n'esse trabalho; oxalá que aproveitem: o resultado o dirá.

F. M. BORDALO.

• EXPEDIENTE CARIDOSO.

João de Sirez, prégador de Tolosa no seculo XVI, sabendo que o hospital estava cheio de enfermos, e que era impossivel tratar a todos com disvello, disse um dia, prégando, que sabia que os habitantes de Tolosa desejavam fazer uma viagem, e sabia tambem, por haver viajado muito, que era preciso ter primeiro um bom cavallo, tratat-o bem, e no caso da sella lhe fazer mataduras curar-lhe as logo: aliás podia bem

ser que não aguentasse senão meia jornada. Que os tolosanos desejavam fazer a viagem do paraizo, e por este motivo os chamára ao hospital, para fornecer a cada um bom cavallo em que subir ao céu; prometendo, em nome de Deus, a todo aquelle que tomasse conta de um pobre, e o tratasse com caridade, até seu restabelecimento, o chegar com felicidade ao paraizo.

Estas palavras, proferidas por um sacerdote geralmente respeitado pelas suas virtudes, produziram tal effeito, que cada habitante de Tolosa se encarregou de um pobre, e em poucos dias foram todos soccorridos e agasalhados.

CONSERVAÇÃO DAS SUBSTANCIAES VEGETAES ALIMENTICIAS.

Mr. Masson, membro do instituto de França, depois de longas indagações e experiencias, pôde conseguir seccar as substancias vegetaes, em especial as hortaliças, sem lhes alterar a constituição, e reduzi-las a mui diminuto volume, sem perderem o sabor e as qualidades nutrientes.

O processo consiste na exsiccação a uma temperatura baixa, em estufas aquecidas a 25 graus, pouco mais ou menos, e na compressão effectuada pela prensa hydraulica.

A primeira operação priva as substancias da superabundancia de agua, que não é indispensavel á sua constituição, e que em certos vegetaes, por exemplo, as couves e as raizes, se eleva a 80 e 85 por cento do seu pezo no estado de frescas. A segunda operação reduz o seu volume, augmenta-lhes a densidade elevando-a á de madeira de pinho, e facilita assim a sua conservação e transporte.

Para usar das hortaliças assim preparadas basta remolhal-as por 30 a 45 minutos em agua quente: d'este modo recuperam toda a agua que lhes foi extrahida; cozem-se por espaço de uma hora ou duas, conforme a sua natureza, e temperam-se depois ao modo ordinario.

Este processo mui simples applica-se aos espina-fres, legumes verdes, raizes, tuberculos, e até aos fructos. As hortaliças seccas e espremidas dispõem-se de ordinario á maneira de fôrmas ou pastilhas quadradas de sete pollegadas de lado, forradas de uma folha delgada de estanho, pezando cada uma 500 grammas, podendo fornecer 20 rações de 25 grammas (7 outavas). Guardam-se ás dez em caixas de lata.

MAXIMAS DO AMERICANO JEFFERSON.

Não reserveis para amanhã o que poderdes fazer hoje.

— Não gasteis o vosso dinheiro antes de o terdes ganho.

— Não compreis aquillo de que não precisaes, sob pretexto de economia.

— A vaidade e o orgulho custam-nos mais que a fome, a sede e o frio.

— Não nos arrependâmos nunca de ter comido pouco.

— O trabalho feito de boa vontade não fatiga.

— Não mandeis fazer por outros o serviço que poderdes pessoalmente desempenhar.

— Se estiverdes zangado contae até dez antes de responder, e até cem se vos dominar um forte accesso de colera.